

# Oficina de Ação: uma estratégia de intervenção grupal em Terapia Ocupacional no Campo da Saúde Mental

## Action Workshop: a group intervention strategies in Occupational Therapy in the Mental Health Field

Maria Rita Lorenzon<sup>1</sup>, Fernanda Cristina Marquetti<sup>2</sup>

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v27i3p342-348>

Lorenzon MC, Marquetti FC. Oficina de Ação: uma estratégia de intervenção grupal em Terapia Ocupacional no Campo da Saúde Mental. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2016 set.-dez.;27(3):342-8.

**RESUMO:** Este artigo relata o processo da “Oficina de Ação” cujo objetivo foi colocar em prática pressupostos teóricos do módulo “A ação como Precursora do Pensamento no Humano” do curso de Terapia Ocupacional da UNIFESP/BS, verificar sua aplicabilidade em intervenção terapêutica ocupacional grupal com usuários do Núcleo de Apoio Psicossocial-IV do SUS em Santos. O foco foi investigar as Cadeias Operatórias dos sujeitos e sua importância no cotidiano, bem como suas maneiras de coordenar ação e emoção com o mundo. Procedimentos metodológicos: elaboração e realização de oficinas com frequência semanal, baseadas em vivências e teorias estudadas no módulo. Resultados: as oficinas evidenciaram a importância de olhar as Cadeias Operatórias como um possível recurso terapêutico, sobretudo para resgatar memórias a partir do corpo, por um viés sensorial.

**DESCRITORES:** Atividades humanas; Saúde mental, Terapia ocupacional; Pensamento.

Lorenzon MC, Marquetti FC. Action Workshop: a group intervention strategies in Occupational Therapy in the Mental Health Field. Rev Ter Ocup Univ São Paulo. 2016 Sept.-Dec.;27(3):342-8.

**ABSTRACT:** This paper reports the process “Action Workshop”, which objective was to put into practice theoretical assumptions from the discipline “The Action as the Precursor of Human Thought”, present in the Occupational Therapy course from UNIFESP/BS, based on authors that study action, and verify its applicability in Mental Health on group therapeutical interventions with patients from NAPS-IV, of the Public Health System in Santos. The focus was not only investigating the subject’s Operative Chains and their importance on everyday life, but also ways to coordinate action and emotion with the world. Methodological procedures: preparation and conducting workshops fortnightly basis, based on experiences and theories studied in the module. Findings: the action workshops both evidenced the importance of looking to the Operative Chains and showed that it is a good therapeutical resource, specially to bring back memories through the body.

**KEYWORDS:** Human activities, Mental health, Occupational therapy; Thinking.

Este artigo foi parte integrante do trabalho de conclusão de curso “Oficina de Ação” de Terapia Ocupacional na Unifesp/BS de Maria Rita Lorenzon. E, também, parte integrante do projeto de extensão “A ação como precursora do pensamento no humano”. Este trabalho foi apresentado: XVI Semana de Estudos em Terapia Ocupacional: Atuação da Terapia Ocupacional: identidade na Diversidade. UFSCar - São Carlos, 2010. Apresentação oral: Inventário de potência e oficina da ação” - conceituação e prática da matriz teórica do módulo de ensino: a ação como precursora do pensamento humano; XV Congresso Internacional de Terapia Ocupacional, Santiago, Chile, 2010. Pôster: Oficina de Ação; XIX Congresso de Iniciação Científica da UNIFESP - São Paulo, 2011. Pôster: A Ação como precursora do pensamento no humano: Inventário de Potência e Oficina de Ação.

Agência de fomento: CNPQ bolsa para aluno extensionista.

1. Terapeuta Ocupacional do espaço “Grupos e Oficinas”. Email: mariarita\_to@yahoo.com.br.

2. Docente da Universidade Federal de São Paulo/ Campus BS. Email: femarquetti@uol.com.br.

**Endereço para correspondência:** Alameda México, 20. Mairiporã, SP. CEP: 07600000.

## INTRODUÇÃO

**A** Oficina de Ação se caracterizou como espaço de intervenção terapêutico ocupacional com um grupo de usuários de um serviço de saúde mental. O objetivo foi construir um processo terapêutico descentrado do referencial teórico-metodológico biomédico e propor intervenções baseadas na reconstituição do sujeito a partir da sua interação com o outro.

A oficina foi parte do projeto de extensão “Inventário de Potência e Oficina de Ação”, baseado no módulo de ensino “A Ação como Precursora do Pensamento no Humano”, do curso de graduação de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Paulo/BS (UNIFESP). Este módulo está baseado numa matriz teórica fundamentada na Antropologia. As considerações da Antropologia referentes à ação humana na constituição dos sujeitos foram articuladas, de acordo com o conceito de cadeias operatórias de Leroi-Gourhan:

O comportamento maquinal é relativo às cadeias operatórias adquiridas pela experiência e pela educação, que são inscritas no comportamento gestual e na linguagem. Essas cadeias operatórias desenvolvem-se numa “zona de penumbra” constituída por gestos maquinais, incorporados no cotidiano do sujeito e não perceptíveis como gestos ou atos significativos (p.25-6)<sup>1</sup>.

Estas ações estão relacionadas com a história do sujeito, memória corporal e afetos, sendo estruturantes e fundamentais na vida cotidiana. Entretanto, apenas reconhecemos sua importância na ocorrência de rupturas, pois os gestos banais asseguram o equilíbrio do sujeito no meio social.

Nas cadeias operatórias estão inseridas as práticas elementares do cotidiano, segundo Leroi-Gourhan<sup>2</sup>. Ou seja, suas rotinas, com seus objetos e pessoas: os movimentos ao caminhar, as paisagens apreciadas, os alimentos e hábitos alimentares, os objetos preferenciais da vida íntima, dentre muitos outros.

O processo de sofrimento psíquico pode ser compreendido a partir da ruptura destas cadeias de gestos intimamente acopladas ao nosso corpo e cotidiano. Nesta perspectiva o sofrimento psíquico pode ser visto como determinado pela perda de gestos intrínsecos a vida humana. Nos processos de sofrimento psíquico com rupturas no cotidiano, propomos a prática da Terapia ocupacional como forma de recompor, organizar, renovar,

novas ou antigas cadeias operatórias do sujeito. Nesta perspectiva, outro conceito utilizado aponta para os fundamentos básicos corporais, as formas de sensibilidade que permeiam nosso cotidiano e as cadeias operatórias: tato, equilíbrio, gustação, olfato, audição de sons geralmente apartados da linguagem verbal. Estes podem ser determinantes na organização do pensamento e afeto do sujeito, pois as experiências cotidianas são marcadas corporalmente. Segundo Leroi-Gourhan<sup>2</sup> as sensibilidades influenciam na determinação de nossos gostos e vão estruturando as cadeias operatórias no cotidiano. Desta forma a ação e os sentidos contribuem na formação do sujeito.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A primeira etapa do projeto foi a aplicação do Inventário de Potência. Este instrumento de avaliação é um recurso de aproximação ao usuário, visando conhecer e identificar possíveis lacunas e rupturas em seu cotidiano, que possam contribuir para a compreensão de seu processo de adoecimento.

No IP, segundo Marquetti et al.<sup>3</sup>, as atividades cotidianas foram agrupadas em nove setores: Comer, Dormir, Socializar, Lazer, Morar, Trabalhar, Locomover-se, Auto cuidado e Aprender. Para cada setor, o sujeito responde a partir de sua percepção e subjetividade aos seguintes itens: Sensação, Local, Horários, Hábitos, Utensílios, Relações e Ritmos. A segunda etapa constituiu no desenvolvimento de Oficinas de Ação, que serão descritas e discutidas.

Os participantes das oficinas estavam vinculados ao Núcleo de Apoio Psicossocial (NAPS) de Santos, entretanto, o processo terapêutico deu-se no laboratório de atividades e recursos terapêuticos da UNIFESP, exceto as oficinas com atividades externas e, também, os alunos realizaram o acompanhamento dos usuários no percurso entre NAPS e o laboratório.

A Oficina de Ação se caracterizou como lugar de intervenção terapêutica grupal com a perspectiva de fortalecer potencialidades dos sujeitos. De acordo com o referencial adotado a Oficina não projetou suas intervenções terapêuticas a partir dos sintomas ou diagnósticos dos participantes, sendo que, propositalmente, os diagnósticos não foram acessados. Quinze usuários do Núcleo de Atenção Psicossocial participaram do processo e a maioria estava há longo tempo em tratamento. A escolha destes usuários ocorreu a partir de indicação dos técnicos da equipe do NAPS, segundo critérios desta para favorecer a

evolução dos usuários no seu processo terapêutico global, bem como a aceitação dos mesmos em participar deste projeto.

As oficinas ocorreram, semanalmente, durante cinco meses e com duração aproximada de 3 horas. Os 15 usuários foram incluídos na oficina, entretanto ocorreram ausências frequentes dos diferentes sujeitos. Devido estas faltas em média, cada oficina tivera cinco usuários. Mas nenhum dos participantes abandonou o processo.

A oficina esteve sob a coordenação geral da docente responsável pelo projeto de extensão. Participaram quatro alunos do curso de Terapia Ocupacional em todas as oficinas, sendo seu papel elaborar e coordenar as atividades propostas de cada sessão. Ou seja, os alunos organizavam cada atividade com os materiais e suportes necessários e acompanhavam a execução das mesmas durante a oficina.

Os alunos também faziam registros escritos individuais de cada usuário em cada oficina e, posteriormente, estes registros foram organizados em formato de diários de cada usuário. Nestes diários também foram incluídos produções gráficas, visuais, recortes de revistas, colagens, entre outros, produzidos na oficina. Este processo produziu a documentação da oficina.

As oficinas eram iniciadas com um momento de relaxamento que estabelecia a conexão dos usuários com o grupo. Na sequência ocorria a atividade principal e ao final havia o momento para registros das vivências (escrita, desenhos, colagens), que resultou em diários individuais. Também, houve dinâmicas de apresentação nas primeiras oficinas para que o grupo acolhesse os novos participantes.

Os alunos realizavam o acompanhamento dos usuários, durante o percurso entre o NAPS e o local da atividade. Este acompanhamento tinha a finalidade de ampliar a observação das cadeias operatórias dos participantes, visto que, nos percursos e no contato com as ruas da cidade, cada um manifesta seu comportamento particular. O foco da observação estava nos gestos, no ritmo, nas relações sociais que alguns estabeleciam com os demais sujeitos e até mesmo na apatia.

Nas oficinas, as vivências envolviam as sensibilidades corporais: tato, visão, audição, olfato e paladar, separadamente. Os usuários entravam em contato com diferentes fontes de estímulos e, respectivamente, era solicitado para que associassem a alguma sensação corpórea ou memória. Para enfatizar cada sentido, os demais eram isolados, por exemplo, na oficina de gustação usamos algodão nas narinas para limitar o olfato, vendas para impedir a visão e impedimos o contato tátil com os

estímulos. Na oficina de olfato usamos vendas e impedimos o contato tátil, e assim, sucessivamente.

Sobretudo a visão era limitada através das vendas, uma vez que, a partir dela, o objeto poderia se reconhecido imediatamente, impedindo a associação por outras vias sensoriais. Tal procedimento foi adotado, pois segundo Leroi-Gourhan<sup>4</sup> na constituição do humano na filogênese houve um primado da visão e audição, sendo que tal caminho evolutivo gerou uma limitação na apropriação dos outros sentidos, principalmente olfato, gustação e tato.

A elaboração das oficinas foi baseada nos pressupostos teóricos de Leroi-Gourhan<sup>4</sup> e suas articulações com a Terapia Ocupacional de Marquetti<sup>5</sup> em uma sequência de atividades com peculiaridades associadas aos sentidos.

Na oficina do tato foram utilizados materiais como farinha, lixa e tecidos, colocados em caixas fechadas com abertura apenas para as mãos, dispostas em sequência em uma mesa. O direcionamento deste experimento foi o de que cada usuário tateasse a textura dentro de cada caixa e, em uma folha de papel, anotasse a associação simbólica feita a partir da sensação, sem necessariamente descobrir o material que estava ali. O tato foi o primeiro sentido a ser experimentado nas oficinas devido não ser necessário vender os olhos, pois alguns participantes poderiam sentir inseguros neste primeiro momento. Na oficina da audição foram introduzidas as vendas e aqueles que se sentissem inseguros, podiam apenas fechar os olhos. Em seguida, foi apresentada uma sequência de sons, provindos de objetos corriqueiros do cotidiano, como som de água corrente, sapato, etc. e depois foi solicitado para que eles notassem as associações elaboradas a partir de cada som. Estes sons rotineiros foram cuidadosamente apreciados. Ainda para trabalhar os estímulos sonoros, foi proposta a experimentação de objetos, instrumentos musicais e sons advindos de percussão corporal. Na oficina do olfato, os olhos foram vendados. Diferentes odores provindos de alimentos, temperos e essências foram apresentados a cada usuário, pelos alunos, que fizeram as anotações das associações provindas destes elementos. Na oficina do paladar o procedimento foi semelhante ao do olfato, porém com a apresentação de alimentos. Nestas duas últimas, eles puderam experimentar estes sentidos com maior sutileza. O propósito destas experimentações foi evocar as memórias e afetos, como uma forma de aproximação às histórias dos usuários.

Após cada oficina, foram realizadas reuniões supervisionadas pela docente responsável, para a elaboração das propostas seguintes. Os alunos foram supervisionados nos seguintes aspectos: elaboração

e aplicação das atividades em cada oficina, evolução de cada usuário e sua respectiva reação as atividades desenvolvidas, dificuldades dos usuários que emergiram no grupo, as interações grupais entre usuários, condução da oficina pelos alunos, e no final do processo houve uma supervisão global de cada usuário que culminou na elaboração de projetos terapêuticos singulares (PTS).

Os alunos elaboraram projetos terapêuticos singulares (PTS) e fizeram intervenções durante alguns encontros posteriores, separadamente, com quatro dos usuários. Estes usuários contemplados com o PTS foram acompanhados por um período limitado, pois o projeto de extensão estava sendo finalizado devido a conclusão do curso de graduação dos alunos envolvidos. Desta forma, as propostas dos projetos terapêuticos singulares de cada usuário foram apenas iniciadas pelos alunos extensionistas, e posteriormente, numa devolutiva a equipe do NAPS este PTS foram sugeridos aos técnicos da unidade como projetos a serem desenvolvidos.

O projeto foi aprovado pelo Núcleo de Bioética da UNIFESP em 30 de abril de 2010 sob o número 0560/10. Os nomes dos sujeitos envolvidos foram suprimidos e adotados nomes fictícios. Os critérios éticos para pesquisa com seres humanos e a conduta ética no processo terapêutico foram respeitados.

### **Ilustrando Três Percursos**

O conjunto de dados coletados no processo das oficinas foi amplo devido à sua duração e o número de participantes envolvidos. Este material composto pelos diários de cada usuário (citados acima), bem como, os registros dos alunos-docente estão em posse das autoras conforme preconiza o Comitê de Ética. Entretanto, tal material não está disponível como referência bibliográfica, pois trata-se de documentação sigilosa que permite a identificação dos usuários. Esta documentação estará disponível para eventual consulta por motivos acadêmicos, desde que não viole a ética em pesquisa com seres humanos.

Para este relato foram selecionados aspectos das vivências de 3 usuários, que ilustram o processo grupal, seus resultados e o encaminhamento dos respectivos Projetos Terapêuticos. Nesta descrição dos percursos abordamos as peculiaridades que emergiram em cada situação com estes usuários, bem como suas singularidades na forma de experimentar o cotidiano e suas percepções. A vida destes sujeitos despontou entrelaçada com as experiências das oficinas e foram descritos alguns fragmentos. Percepção,

memória e compreensão do mundo elaboradas de forma incomum forma uma presença constante nestes percursos.

**Angenor** é um poeta e se denomina como um “empilhador de palavras”. Quieto, observador e sensível. Ele conhece e gosta das cidades de Santos e de São Paulo, sobretudo das regiões centrais.

Na oficina da Visão, sua produção escrita revelou sua percepção de mundo, é um homem poético, conhece autores diversos e tem experiências de viagens pelo país. Na oficina da Audição contou que já foi músico, algo bastante significativo para ele, pois marcou um momento de sua vida em que foi atuante e pôde vivenciar seu potencial para as artes.

Na oficina do Olfato, Angenor disse que tinha uma banda há muitos anos, cuja proposta era “*dominar as pessoas pelos sentidos*” através de recursos sonoros da própria música, outros visuais com as luzes, etc. Ele afirmou que nas festas há muita estimulação dos sentidos, pois simultaneamente há muitos toques, cheiros, elementos visuais e sonoros. Angenor partilha, sem saber, das premissas da nossa atividade terapêutica, ou seja, que o corpo e suas sensibilidades influenciam na formação do sujeito. Concebemos que as vivências do corpo podem expandir e transformar as cadeias operatórias no cotidiano. E o cotidiano é substrato e alicerce da vida.

Falou sobre a sua vida no interior de São Paulo. Lembrou-se da mãe, que cozinhava no fogão à lenha, quando ele tinha 10 anos. Estes episódios apenas emergiram a partir das lembranças evocadas nas oficinas.

A partir das associações feitas por Angenor podemos conhecer elementos que fizeram parte da vida dele: o interior de São Paulo, aspectos da infância quando comprava sequilho no bar, a preferência pela bolacha de maizena, os bares que frequentava na boemia, etc.

Sua principal queixa é a falta de liberdade, pois reside em um abrigo para moradores de rua. Ele refere que não tem vontade de fazer nada, não se identifica com o abrigo, mas o reconhece como necessário no momento. O campo operatório de Angenor está limitado, pois além das questões relacionadas ao seu adoecimento, ele sofre com a institucionalização. Esta condição traz a acentuada limitação de seu contexto, pois o impede de fazer muitas coisas, até mesmo, de desejar. Ele se vê obrigado a cumprir as cadeias operatórias institucionais, ou seja, acordar, comer, cuidar-se, dormir, de acordo com regras impostas e que impedem a (re) construção de seu cotidiano.

Angenor, com sua postura e seus olhares indicava durante suas falas e ações o quanto é afetado pelo mundo. Ele não se tornou indiferente ao mundo, revela senso crítico

e, por isso, sofre. Seu projeto terapêutico está ancorado no resgate a possibilidade de vida fora da instituição.

**Camélia** – O maior desejo de Camélia é o retorno à sua terra natal, pois sofre com a ruptura desta cadeia operatória, que não foi reestabelecida. Ela não consegue construir novas cadeias no presente e no lugar onde vive, ou seja, não estabelece coordenação de ação e emoção com os lugares, objetos e sujeitos ao seu redor, pois está presa aos afetos cotidianos do passado. Isso a mantém afastada do mundo e com seu campo operatório limitado. Sua potência de ação está reduzida.

A sua maior queixa é morar num abrigo. Apesar disso, no início do processo, ela dizia insistentemente: “Eu não tenho queixa.” Isso pode demonstrar a dificuldade em analisar sua condição e a resistência em falar sobre sua vida, pontos de vista e desejos.

Ela não considera o abrigo como seu lar. E, de fato o abrigo não é sua casa, pois sua referência de casa, família, acolhimento, afetos, ficou distante no tempo. Ela guarda na memória apenas o endereço da família, pois perdeu o contato com eles há muitos anos. Camélia enviou cartas, mas não recebeu resposta. Ela conta que em sua cidade havia belas praias, no entanto, quando fizemos um passeio à praia de Santos, ela sequer quis tirar os sapatos. Os sentidos muitas vezes pareciam estar anestesiados, sendo difícil para ela entrar em contato com a emoção das experiências vividas e seu sofrimento que permeia o cotidiano. Camélia expressa indiferença pelo mundo. Ela se desconectou dele e não estabelece novos elos com a vida. Ela vive numa espera contínua pelo retorno de seu passado.

Um dos fatores influentes para sua situação é seu histórico de institucionalização, ela não tem documentos ou registros civis e não sabe exatamente sua data de nascimento ou idade, pois perdeu a identidade. Quando indagada respondeu: “56, eles dizem!” O plano terapêutico de Camélia envolve a procura de suas origens, sua família e sua identidade documental e subjetiva.

**Romano** – Em sua primeira participação na oficina, disse: “Os sentidos podem enganar e a razão não.” Romano esclarece seu ponto de vista, ele recebeu diagnóstico de esquizofrenia e, por isso, considera que não pode confiar totalmente nos seus sentidos, pois eles podem enganar. Assim, ele considera que sua razão é mais confiável. Ou seja, a razão seria, para ele, um processo separado dos sentidos.

Em sua opinião, a percepção e vias sensoriais podem seguir caminhos não compartilhados pelos outros e, portanto, estão fora dos padrões de normalidade dos “não-esquizofrênicos”. Esta é sua forma peculiar para

expressar as diferenças de percepção entre os “normais” e os “loucos”.

Durante as oficinas, muitas associações de Romano escapam ao raciocínio óbvio e comum, o que lhe confere uma característica de estranheza. Entretanto, se tais associações são acompanhadas pelo interlocutor, observa-se que são coerentes. Ele construiu um sentido próprio para o mundo e seus objetos. Por exemplo, ele associou farinha com pelo de gato e feltro com “homem importante”. A princípio esta percepção nos parecia incompreensível, mas ele explicou: a associação estava vinculada a sensibilidade tátil. A farinha era macia como pelo de gato e o feltro similar à textura do terno de um homem importante.

Ao explorar os sons do corpo, Romano disse: “Meu corpo não tem som”. O que revelou a dificuldade de percepção do próprio corpo e da exploração de seus sons.

Romano nos pareceu inteligente e sempre fazia reflexões que a princípio pareciam desconexas. Mas, observamos que ele construiu ao longo do seu processo de vida, cadeias operatórias baseadas na sua percepção, dessa forma, ele não consegue compartilhar seu cotidiano com a maioria das pessoas. Ele permanece isolado, exceto quando o outro se dispõe a compartilhar sua forma peculiar de construir o sentido da vida. Seu plano terapêutico mostra-se complexo, pois envolve a construção de sentido e, assim, os respectivos encontros e desencontros entre sujeitos na elaboração de sua subjetividade no cotidiano. Dessa forma, garantir suas potencialidades criativas, baseada em sentidos tão diversos, está intrinsecamente articulado às possibilidades relacionais.

## DISCUSSÃO

Esta proposta das oficinas nos permitiu conhecer os usuários em suas singularidades na construção de sentido da vida cotidiana. Romano com suas formas de percepção tão distinta do senso comum afastou-se das pessoas do seu convívio, mas na oficina pode exibir e esclarecer sua forma de compreensão do mundo. Esta possibilidade reverteu numa situação de comunicação com o outro. Na situação de Camélia é contundente sua estagnação, pois ela não consegue construir novas cadeias operatórias e está resignada a um cotidiano perdido no passado. Angenor, o “empilhador de palavras”, revelou como sua sensibilidade diferente o afasta do mundo.

Entretanto, um ponto importante neste processo refere-se à possibilidade de abordar sujeitos em sofrimento psíquico. Vejamos alguns modelos desta postura.

O corpo é cenário das emoções, espaço de recepção dos estímulos e transmissão do que produzimos. Nossas

expressões faciais nos permitem exteriorizar nossas emoções e, assim, podemos coordenar nossas ações com os outros no mundo. As expressões de alguns sujeitos estão inibidas e isso pode interferir nas suas coordenações de ações e emoções. Outros sujeitos têm ações e posturas estereotipadas, sorrisos sem motivo aparente e olhar vazio que, algumas vezes, não se dirige a ninguém. Estas singularidades que percebemos nos corpos dos usuários podem refletir em suas inserções na vida.

Essas e outras constatações dizem respeito às cadeias operatórias dos sujeitos ancoradas no corpo e, quando escapam ao socialmente consensuado, ele é considerado estranho, desviado, louco. Incomoda o senso comum e interfere nas interações sociais. Na oficina da audição uma das propostas foi explorar o corpo e seus sons. Entretanto, os participantes apresentaram dificuldades e apontaram que era mais fácil explorar os sons dos objetos e instrumentos. A relação com o corpo revela cada sujeito. O que significa viver com um corpo silencioso?

Observar as questões relativas ao corpo possibilita refletir sobre as suas mensagens, através das formas, dos cheiros, das cores, bem como a escolha das roupas e sua aparência que, muitas vezes, revela o autocuidado. Estes são alguns detalhes que contribuem para a individualidade.

Quanto às experiências sensoriais, foi possível observar que despertaram memórias e fragmentos de vida de cada indivíduo. Sobretudo os cheiros e os gostos estavam fortemente ligados às memórias da infância e de cenas significativas. Lembranças podem ser divertidas, engraçadas, tristes, e as memórias evocadas pelos sentidos são inscritas no âmbito do banal e nas sutilezas do dia-dia. Atos simples como ir até o bar comprar doces ou comer uma laranja são aparentemente comuns, mas a experiência dos sentidos evidencia o quanto são significativos na história de cada sujeito.

Em algumas oficinas pudemos constatar como cada sentido está atrelado a outro e, assim, completam suas funções. Com a privação de um sentido, a organização geral torna-se decomposta, e conseqüentemente, altera toda cadeia operatória.

Ao investigar as cadeias operatórias fundamentais para os sujeitos, nos deparamos com os fragmentos das histórias de vida de cada um, com lacunas e rupturas. Estas constatações podem indicar rumos para as intervenções terapêuticas, construção e recuperação das rupturas de cadeias operatórias criando sentido para a sua vida e, conseqüentemente, pode aumentar a potência de ação.

A oficina de ação com enfoque no trabalho sensorial foi um importante recurso para resgatar fragmentos importantes das histórias de cada participante. As associações

feitas mostram o quanto nossas sensibilidades estão relacionadas à memória que, por sua vez, estão articuladas ao corpo e conseqüentemente às cadeias operatórias. As nossas preferências e recusas podem ser influenciadas por esta memória sensorial que é construída ao longo da vida.

Mudanças estruturais podem ser terapêuticas, pois mudam o modo de operar do sujeito, quebrando padrões e possibilitando novas construções de cadeias operatórias. O ato de relatar uma vivência é um processo, que por si, pode desencadear transformações, pois o sujeito ao resgatar uma memória remonta cenas e sensações vividas, que sofrem alterações dadas por ressignificações e influência de outras experiências.

Ao aceitar o convite de associar texturas, Camélia pôde expressar a saudade da terra natal, Romano pôde expor seu jeito de acessar o mundo, entre outros. Há elementos recorrentes na ação e no discurso de cada um e isso se traduz como um pedido, contribuindo na construção de um plano de intervenção singular.

Finalmente, observamos que, de maneira geral, as instituições são lugares onde há pouco espaço para a individualidade, pois elas são atravessadas por uma série de questões normativas que limitam a autonomia e expressão do sujeito. Os usuários institucionalizados são perpassados frequentemente por questões complexas que permeiam esta condição.

## CONCLUSÕES

Conforme apontamos na introdução o objetivo deste processo foi colocar em prática pressupostos teóricos do módulo “A ação como Precursora do Pensamento no Humano” do curso de Terapia Ocupacional da UNIFESP/BS, verificando sua aplicabilidade na Saúde Mental. Este longo processo de ensino, pesquisa e extensão teve muitos desdobramentos. Entre eles a Oficina de Ação apresentada neste artigo, fundamental para consolidar o processo global.

A proposta de articular a área da Terapia Ocupacional à Antropologia através de teorias e conceitos específicos e, posteriormente, propor uma reflexão do campo da saúde mental neste viés foi tarefa complexa, pois contradiz formas de conhecimento tradicionais e institucionalizadas.

No processo da Oficina de Ação propomos uma intervenção baseada nas rupturas e potencialidades do cotidiano. Para tal utilizamos o referencial e alguns conceitos pertinentes à antropologia, tendo sido fundamental o conceito de cadeia operatória. Este conceito oferece uma ferramenta para refletir a importância do

cotidiano, pois compreende o cotidiano como conjunto de cadeias operatórias aderidas na vida do sujeito.

Apesar, destas cadeias operatórias, permanecerem numa zona de penumbra, despercebidas e dadas como gestos insignificantes, elas demonstram sua importância quando alteradas ou rompidas. O sofrimento psíquico pode ser ponderado e avaliado a partir deste conjunto de cadeias operatórias que é o cotidiano. Diariamente construímos e refinamos os processos de interação do corpo no seu meio, a coordenação de ações, emoções, sensações, detalhes sutis. E esse gestual cotidiano compõe a própria vida. Quando este processo diário apresenta limitações ou rupturas, nossa possibilidade de compor a vida cotidiana também se torna comprometido.

Sendo assim, identificar as sutilezas do cotidiano possibilita a reflexão sobre as propostas de intervenção e ações terapêuticas para cada sujeito. Através da Oficina de Ação pudemos intervir nas cadeias operatórias dos sujeitos via sensorialidades e, assim, incidir em fragmentos de sentidos e lembranças ancorados nas formas de sensibilidade. Acessamos os usuários através de seu cotidiano repleto de cadeias operatórias construídas ao longo de sua vida e que são constitutivas do sujeito. E, ao explorar as cadeias operatórias fundamentais dos sujeitos, pode-se abrir um caminho pelo qual pudemos ampliar a potência e ação dos sujeitos. Nesta perspectiva, apostamos que o sentido de vida

construído pelo sujeito está naquilo que se faz no cotidiano, mesmo que em ações sutis, pequenas, às vezes, quase imperceptíveis, e que se constituem na zona de penumbra.

O conceito de cadeias operatórias nas oficinas evidenciou recortes dos modos de viver e conviver no mundo de cada participante. Na expressão de cada usuário foi possível identificar e analisar as demandas terapêuticas individuais. Tatear, olhar, observar, pensar, ouvir, criar sons com o corpo, experimentar diferentes materiais e o corpo, usar o olfato, degustar, evocar cenas esquecidas, escrever, pintar, recortar, escolher ou construir objetos, caminhar, percorrer ruas da cidade, voltar para seu "lar", aceitar compromissos, ocupar novos espaços, encontrar-se com o outro, conviver em grupo, enfim, ao modificar o cotidiano e a vida podemos provocar mudanças estruturais positivas, microscópicas, mas com potência. Muitas vezes, tais mudanças são invisíveis para um olhar descuidado, mas elas são parte de um processo de transformação. Pois, a vida é composta de gestos ínfimos e elementares que, embora pareçam insignificantes, viabilizam o nosso viver cotidiano.

Quanto à relevância deste processo podemos referir que houve uma solidificação dos conhecimentos que norteou as atividades deste processo, e também, a constituição de uma prática profissional subsidiada num referencial teórico coadunada com este campo, a Ação Humana.

---

## REFERÊNCIAS

1. Leroi-Gourhan A. O gesto e a palavra: memória e ritmos. Lisboa: Perspectivas do Homem; 1965. v.2.
2. Leroi-Gourhan A. O gesto e a palavra: memória e ritmos. Lisboa: Perspectivas do Homem; 1965. v.1.
3. Marquetti FC, Barros AC, Ribeiro AA, Lorenzon MRC, Barreiro R.G. Inventário de potência, oficina de ação: estratégias em saúde mental. Rev Ciênc Ext Botucatu. 2012;8(3):8-22. [http://ojs.unesp.br/index.php/revista\\_proex/article/view/538/736](http://ojs.unesp.br/index.php/revista_proex/article/view/538/736).
4. Gourhan AL. O gesto e a palavra: memória e ritmos. Lisboa: Perspectivas do Homem; 1965. v.1.
5. Marquetti FC, Kinoshita RT. A ação como precursora do pensamento no humano. Cad Ter Ocup UFSCar (São Carlos). 2011;19(2):215-28. <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/463/328>.

Recebido em: 09.04.15

Aceito em: 11.11.16